

O COMPORTAMENTO FALOCÊNTRICO PRESENTE NA PORNOGRAFIA COMO FORMA DE PERPETUAÇÃO DO DISCURSO MISÓGINO

Stefany Adriana de Souza

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina

stefany@krmr.adv.br

Simpósio Temático nº 44 – Percursos pornográficos: por uma epistemologia dissidente

RESUMO

Este artigo pretende discutir a ocorrência do padrão de comportamento falocêntrico presente na pornografia como forma de perpetuar o discurso misógino, que normaliza a violência de gênero e a submissão da mulher tanto na esfera sexual quanto social. Tal discussão é importante, pois a representação de submissão da mulher perante o homem ainda é muito presente em nossa sociedade, de modo que acaba afetando não apenas os campos de relacionamento, como também o campo profissional, político e social, culminando na invisibilidade da representação da mulher nos ambientes públicos e privados. Destaca-se que não se busca aqui discutir a censura ou não da indústria pornográfica, mas quais alternativas podem ser propostas para garantir uma maior equidade de gênero e estimulação de alteração dos padrões sociocomportamentais de gênero.

Palavras-chave: Pornografia. Feminismo. Violência contra a mulher.

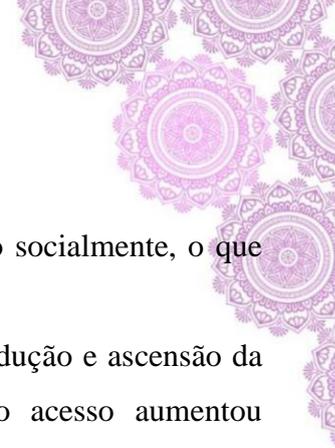
ABSTRACT

This article aims to discuss the occurrence of the phallogocentric behavior pattern present in pornography as a way to perpetuate the misogynistic discourse, which normalizes gender violence and the submission of women in both the sexual and social spheres. This discussion is important because the representation of women's submission to men is still very present in our society, in a way that ends up affecting not only the relationship fields, but also the professional, political, and social fields, culminating in the invisibility of women's representation in public and private environments. It is noteworthy that we are not here to discuss the censorship or not of the porn industry, but what alternatives can be proposed to ensure greater gender equity and stimulate changes in socio-behavioral patterns of gender.

Keywords: Pornography. Feminism. Violence against women.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende discutir a presença do comportamento falocêntrico na pornografia e a forma este perpetua o discurso misógino na sociedade contemporânea, naturalizando o discurso de



submissão do gênero e reforçando a violência de gênero, tanto sexual quando socialmente, o que acaba por diminuir a mulher e seu papel na sociedade.

Primeiramente, se fará um breve resgate histórico do surgimento, introdução e ascensão da indústria pornográfica na sociedade, cuja democratização e facilitação do acesso aumentou consideravelmente o seu consumo.

Posteriormente, analisou-se a representação feminina nestes materiais, no qual se evidencia a sua submissão perante a ideia heteronormativa, com constantes imagens e textos que incitam e normalizam a violência física e psicológica da mulher, bem como a desigualdade de gêneros, ainda mais evidenciada em determinados mercados sociais.

Em seguida, é abordada justamente a figura do falocentrismo como forma de perpetuação do comportamento misógino da sociedade, a partir da perspectiva de sua representação na indústria pornográfica, realizada a partir de análises de algumas categorias e denominações utilizadas no universo pornográfico.

Ainda, em seguida, após verificar esta perspectiva prejudicial da pornografia, passa-se a analisar as correntes feministas *anti-porn* e *anti anti-porn*, fazendo algumas considerações acerca da possibilidade de intervenção Estado a fim de diminuir e/ou erradicar o ideal de desigualdade de gênero difundido pela indústria pornográfica heteronormativa.

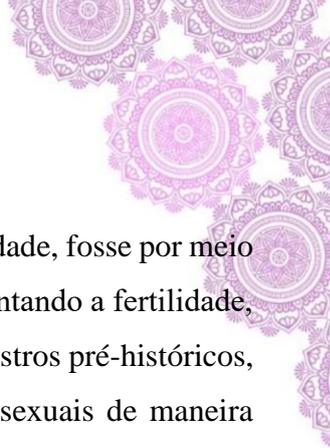
Por fim, apresentaremos algumas alternativas para tentar proteger as mulheres e buscar diminuir a misoginia e a normalização da violência contra a mulher.

DESENVOLVIMENTO

O SURGIMENTO E A INTRODUÇÃO DA PORNOGRAFIA NA SOCIEDADE

É cediço que o corpo humano, em sua essência e, em especial, quando em sua mais pura nudez, sempre despertou interesse sob uma perspectiva social, independentemente de seu período histórico.

Seja tanto na curiosidade de analisar e admirar as similitudes e diferenças estéticas, quanto no estudo científico do funcionamento interno da estrutura humana, a representação da imagem do corpo humano, e em especial da sexualidade, atrai a atenção de leigos e especialistas.



Desde os primórdios da humanidade, o homem buscou explorar a sexualidade, fosse por meio da representação de deuses de aparência “perfeita” à época, muitos deles representando a fertilidade, o amor e a prosperidade, nos escritos e artes ao longo do tempo ou então nos registros pré-históricos, com desenhos contendo conotações sexuais, como a representação de órgãos sexuais de maneira exagerada. O próprio ditado popular menciona a prostituição como a profissão mais antiga do mundo.

Em que pese o assunto ainda possa ser considerado, de certo modo, um tabu, especialmente pela força da Igreja na condenação das práticas obscenas como um pecado, principalmente porque o sexo, por muito tempo, deveria ter como único objetivo, a procriação e perpetuação da espécie humana, é evidente que as rodas de conversação, vez ou outra, acabam se voltando a um mesmo assunto: sexo.

A pornografia, caracterizada pelo dicionário como “tudo o que se relaciona à devassidão sexual; obscenidade, licenciosidade; indecência. Caráter imoral de publicações, gravuras, pinturas, cenas, gestos, linguagem”, transformou-se em conteúdo midiático comercializado, com seus primeiros registros no século XIX, quando as primeiras fotos e livros de modelos nuas começaram a ser vendidas pelo mundo.

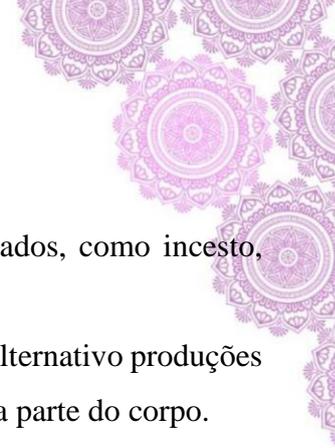
Mais especialmente no Brasil, a onda da comercialização da pornografia começou a se evidenciar por volta de 1870, por meio de livros eróticos. Posteriormente, passou-se à produção cinematográfica, cujos filmes eram produzidos na França, Estados Unidos e Argentina, os primeiros polos de produção de conteúdo adulto.

Todavia, a exposição destes materiais se restringia a alguns cinemas clandestinos, prostíbulos e festas, em virtude da forte censura e até julgamentos da própria sociedade, que considerava este tipo de material um ultraje e ofensa aos bons costumes, como se fosse um meio de incentivo às libertinagens extravagantes.

À luz do surgimento das revistas de entretenimento, não se demorou até que as revistas eróticas se tornassem uma febre, como no caso da revista Playboy, fundada em 1953, pelo milionário Hugh Hefner e que ganhou sua versão brasileira em 1975.

Com o surgimento do videocassete, em 1971, o acesso aos materiais pornográficos se tornou ainda mais íntimo e a experiência mais personalizada, com a possibilidade de locar ou comprar fitas para assisti-las no ambiente privado.

O mercado pornográfico passou por uma grande expansão, com a produção em larga escala, com alto investimento e a possibilidade de explorar os mais variados nichos pornográficos, cercadas



por enredos fetichistas, muitas vezes envolvendo tramas com contextos delicados, como incesto, voyeurismo e até mesmo simulações de violência sexual e zoofilia.

Para competir com este mercado, a televisão passou a exibir em horário alternativo produções artístico-eróticas, que raramente acabavam efetivamente revelando uma ou outra parte do corpo.

Por fim, a grande reviravolta da revolução tecnológica, decorrente do surgimento e popularização da internet, democratizou-se ainda mais o acesso da sociedade às mídias pornográficas. Estima-se que, atualmente, existem 25 milhões de sites pornôns, que representam 12% de todos os sites da internet e mais de 30% do tráfego online.

Conforme Baumel et. al (2019, p. 6) “a pornografia é o que o capitalismo fez com o erotismo. É a produção do desejo. É produzir desejo lucrando em cima”

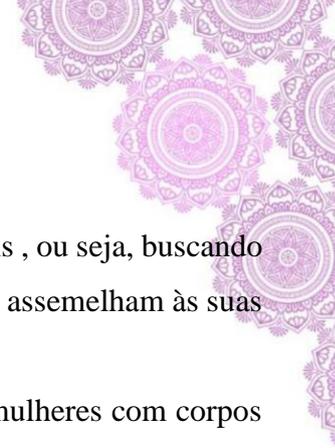
No entanto, tal democratização, acarreta em algumas importantes consequências, como por exemplo, o fácil acesso à este tipo de conteúdo por crianças e jovens, a exploração dos atores no momento das filmagens, a instigação de atos cada vez mais alternativos e absurdos buscando capturar o público com imagens “inovadoras”, que na maioria dos casos, infelizmente, culmina na humilhação e submissão da figura feminina.

Torna-se cada vez mais complicado concorrer as grandes produções pornográficas à enorme quantidade de produções amadoras, aos revenge porns e as live cams , que disputam não apenas a audiência, como o investimento financeiro destes consumidores.

Desse modo, a apelação quanto ao conteúdo explícito destes materiais e a sujeição de comportamentos degradantes em troca de audiência, fomenta a misoginia, por meio das imagens falocêntricas, perpetrando a ideia de “dever de submissão” do sexo feminino, em troca da satisfação sexual do sujeito, na maioria dos casos, biologicamente masculino, o que corrobora a ideia de que tanto o sexo quanto o gênero se constroem, também, culturalmente.

A REPRESENTAÇÃO DA SUBMISSÃO FEMININA NAS MÍDIAS PORNOGRÁFICAS

Uma vez reconhecida a constante presença da exploração da sexualidade e da pornografia ao longo da história, passamos então a discutir sobre o que este tipo de conteúdo oferece de contribuição à ideologia sócio-política da humanidade.



Tem-se a ideia de que a pornografia deve ser produzida por e para homens, ou seja, buscando a satisfação de seus desejos sexuais mediante a representação de imagens que se assemelham às suas vontades.

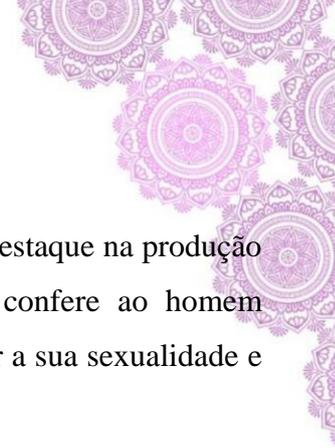
A pornografia deveria representar tudo aquilo que os homens querem: mulheres com corpos perfeitos, sendo submissas aos homens, às vezes em condições humilhantes e transparecendo que a mulher está, na realidade, sendo violentada, em suma, demonstrando a objetificação da mulher.

Nesse sentido, conforme aponta Mariela Solana (2012, p. 9) a pornografia não apenas reflete a dominação sexual patriarcal, como também a reforça, isso porque a dominação masculina se reflete como uma espécie de sexualização da hierarquia de gênero, na qual se obtém prazer por meio da agressão sexual em face da mulher, que é sujeito inferior, ou seja, tudo é permitido quando se busca a satisfação sexual do homem.

Não raramente encontramos materiais pornográficos materiais “humilhantes e degradantes”, que como conceitua Silva (2013, p. 11), são aqueles que colocam mulheres em posição de “subordinação, submissão servil ou humilhação”, por atentarem contra “os princípios de igualdade e dignidade de todos os seres humanos”. Contudo o fato de serem produzidos e consumidos tais tipos de materiais reforça a ideia de que houve certa “normalização” de tais práticas, ou seja, uma sexualização da cultura nos permitiu conviver com a possibilidade de consumirmos, muito facilmente, materiais pornográficos que degradam o sexo feminino, muitas vezes reproduzindo ou simulando a reprodução de violências sexuais.

A pornografia, como a conhecemos atualmente, é feita para satisfazer o ego da heteronormatividade masculina, por meio da exploração de estereótipos. Como ressalta Cristopher Yáñez-Urbina (2021, p. 24) – tradução autoral -, “rapidamente percebemos que eles compartilham uma espécie de sexo coreográfico com posições, tempos, ângulos, gritos, gemidos, diálogos, etc. Os cliques são estruturados de forma altamente estereotipada durante as performances sexuais”, tratam-se de verdadeiras espetacularizações a partir da exploração de corpos.

O pornô é elaborado como um show, sendo justamente o espetacular aquilo que constitui sua base. Como valor estético, é construído a partir da combinação do exagero, por meio da exploração de situações extremas e dos discursos elaborados sobre o excesso, e uma estética de realismo, por meio da exposição dos corpos e das práticas. Neste paradigma que tem por objetivo a exposição do espetacular a partir do exagero e do realismo simultaneamente, os performers aprendem a encenar atos sexuais grandiloquentes, incorporam técnicas de atuação. (BENÍTEZ, 2013, p. 4)



Ocorre, que é importante reconhecer que a mulher possui um papel de destaque na produção pornográfica, pois como expõe Yáñez-Urbina (2021, p. 21), é ela quem confere ao homem heterossexual a possibilidade de execução de inúmeras práticas, sem questionar a sua sexualidade e o limite de sua heteronormatividade.

No sistema masculino, as mulheres são sexo; o sexo é a meretriz. A meretriz é a porne, a meretriz mais baixa, a meretriz que pertence a todos os cidadãos masculinos: a cabra, a cona. Comprá-la é comprar pornografia. Tê-la é ter pornografia. Vê-la é ver pornografia. Ver o seu sexo, especialmente os seus genitais, é ver pornografia. Vê-la no sexo é ver a meretriz no sexo. Usá-la é usar pornografia. Querê-la significa querer pornografia. Sê-la significa ser pornografia. (Dworkin, 2003, p. 389)

A partir de tais produções, que reforçam a ideia de submissão da mulher ao homem parte-se à teoria de que o consumo de pornografia reforça atitudes de apoio à violência contra a mulher, agressividade no comportamento sexual, propicia o desenvolvimento de um vício, corrobora a idealização do setting pornográfico e etc.

O próprio setting já causa problemas, em especial de autoestima das mulheres, pois a esmagadora maioria dos conteúdos pornográficos contam com atrizes de corpos esculturais, que estão sempre dispostas e se sujeitam a praticar qualquer tipo de sexo.

Sea como sea, los cuerpos tienen que aparecer bellos, “perfectos”, sin grasas, estrías, cicatrices, celulitis, manchas o cualquier otra marca que indique, por um lado, un trabajo poco esmerado del profesional de imagen y, por el otro, la proximidad del cuerpo de él o la performer con un cuerpo “normal”. Para eso, recursos como el Photoshop son fundamentales. (DÍAZ-BENÍTEZ, 2013 p. 15)

Nesse sentido, mais do que apenas se tratar de padrões de beleza inatingíveis às “mortais”, tem-se a imposição da ideia de que a mulher deve sempre aceitar quando o homem quer se relacionar sexualmente, bem como aceitar a forma de relação que quer manter, problema que afeta tanto pessoas que se relacionam casualmente, quanto aquelas envolvidas em relacionamentos, o que acaba gerando certa cobrança e até mesmo comparações, ainda que de forma impensada.

Desse modo, tem-se que a cultura pornográfica tem como grande lema e fórmula de sucesso, o poder que o homem detém sobre a mulher, especialmente sexual, como se fosse o único capaz de garantir a total satisfação da mulher, e cujas imagens devem sempre ser atrativas aos olhos dos homens, para que estes possam atingir seu ápice de prazer a partir de imagens espetaculares (no sentido de espetáculo da palavra) e, muitas vezes inverídicas, do corpo feminino se projetando num momento orgástico.



O FALOCENTRISMO COMO FORMA DE PERPETUAÇÃO DO DISCURSO MISÓGINO

Conforme visto anteriormente, identificamos algumas situações prejudiciais acarretadas pela pornografia, como a idealização e comparação de corpos, prejuízos à saúde física e mental com o consumo excessivo, a possibilidade de desenvolvimento de um vício, além, é claro, do principal, a forma do homem se relacionar com as mulheres, colocando-lhes em condições submissas, mediante a objetificação de seus corpos, o que poderia estimular a violência e o desrespeito.

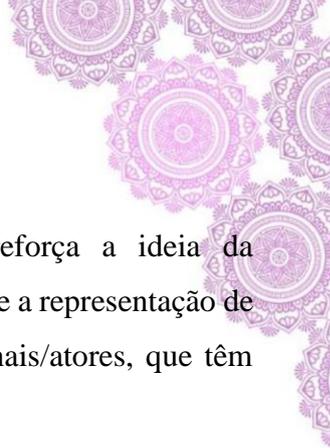
Ocorre, que há um grande fator que auxilia a democratização desse tipo de conteúdo, a navegação na internet, de forma íntima, não acarreta em nenhum tipo de constrangimento, exposição ou julgamento, o que permite o fácil acesso e consumo de materiais pornográficos.

A grande questão é, com o fácil acesso e a possibilidade de consumo em todo instante, não acaba por tornar o sexo hardcore algo normal? Isto é, tal qual o consumo excessivo de antibióticos acaba fortalecendo o vírus, o usuário que consome muito o conteúdo convencional de pornografia acaba se tornando mais difícil de se satisfazer com as normalidades, tendo que buscar por fontes diversas, ou seja, nichos diferenciados que tragam satisfação aos seus novos padrões sexuais.

É evidente que “a exposição desenfreada à pornografia é causa direta de violência (sexual ou outra) contra as mulheres, ou pelo menos condiciona – pelos mecanismos psicológicos da aprendizagem – a agressividade masculina nesse sentido, levando potencialmente os seus consumidores (homens) a tais atos de violência” (PINTO, NOGUEIRA e OLIVEIRA, 2010, p. 4) tudo isso de forma naturalizada, mas seria possível o Estado regulamentar tais mídias para impor limites à tais reproduções performativas de gênero?

Para Mariela Solana (2013, p. 3), o fato de o gênero ser construído de forma performática significa que se torna gênero a partir da repetição de atos, discursos, gestos, estilos e modos de ser que compõem os agentes em seus comportamentos.

Estes ideais regulam o comportamento, estabelecendo uma distinção entre práticas “normais” que obedecem às regras e ações “anormais” que as desobedecem. O regime jurídico-normativo que regula os comportamentos de gênero, segundo esses ideais nas sociedades ocidentais contemporâneas, são caracterizados, por Butler, como uma matriz heterossexual. A característica principal desta matriz é que ela ordena o sexo, o gênero e o desejo de forma binária, discreta e hierárquica. (SOLANA, 2013, p. 4)



É justamente desta ordem, quase supostamente natural, que se reforça a ideia da heteronormatividade, até mesmo na pornografia, de modo que tal situação impede a representação de muitas práticas sexuais, havendo inclusive preconceito dos próprios profissionais/atores, que têm receio de serem vistos como “menos machos”.

Assim, para demonstrar a imposição, ainda que indireta, do falocentrismo, os materiais pornográficos, em sua maioria, dão enfoque nas “partes mais femininas” das atrizes, seios, bundas, vaginas, tudo em closes, a superexposição de órgãos, de gemidos, de posições, de ângulos, tudo isso é muito mais vendável na mulher do que no homem, busca-se representar a feminilidade, o corpo feminino.

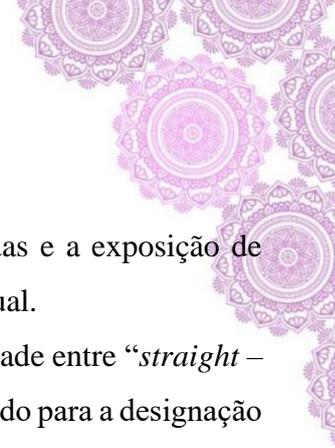
Si a lo largo de la coreografía, las cámaras focalizan todo el cuerpo de la mujer y su rostro, los cuerpos de los hombres aparecen fragmentados y codificados casi exclusivamente por su pene. No obstante, el valor del pene es enorme, siendo este, de hecho, uno de los principales hilos conductor de la narrativa. De allí el énfasis en el tamaño, la duración de la erección y, especialmente, em la eyaculación. Una de las pocas secuencias en las que el rostro del hombre aparece claramente em escena es cuando él está haciéndole sexo oral a su compañera. Sin embargo, incluso en este instante, los rostros masculinos parecen no ser relevantes para la mirada porno hétero, pues lo que realmente importa es el acto realizado por la lengua y el estilo en que esto es llevado a cabo. (BENITEZ, 2013, p. 10)

Nesse sentido, qualquer parte do corpo feminino que seja minimamente possível de ser confundida com o masculino é afastada das câmeras, pois a heteronormatividade rejeita qualquer possibilidade de atração do hetero com seu igual, não se pode fragilizar a superioridade do sexo masculino, atraído instintivamente pelo feminino, não é mesmo?

Ou seja, produzir um conteúdo pornográfico não se trata apenas de gravar imagens de atos sexuais, interpretados ou não, mas reproduzir e reforçar padrões estereotipados de gênero, sob o fundamento de que trazem maior prazeres aos seus consumidores, no caso o público masculino heterossexual.

De tal forma, en el En esta línea, la acción de leer o interpretar un cuerpo juega un rol fundamental, pues toma determinadas partes del cuerpo y las dota de características que darían cuenta del sexo, afirmando que “aparentemente un brazo o um codo son más unisex que los huesos de la pelvis, por no nombrar los genitales” (Torras, 2007, p. 12), produciendo una resistencia a que cualquier cuerpo escape a “ser (de) hombre o (de) mujer”. (Yáñez-Urbina, 2021, p. 10)

Basta se realizar uma breve análise das disposições e categorias destes sites, por exemplo, para se verificar a imposição, primeiramente, da heterossexualidade sobre a homossexualidade, vez



que a regra é de que os sites mantenham em suas páginas iniciais cores sólidas e a exposição de conteúdos heterossexuais, mesmo nos sites que contenham conteúdo homossexual.

Destaca-se que, na maioria destes locais, já se faz a distinção de sexualidade entre “*straight* – cuja tradução literal do inglês pode se associar a “direito” e “reto), também utilizado para a designação da heterossexualidade como o corretor – e, por outro lado, o gay” (Yáñez-Urbina, 2021, p. 16).

Posteriormente, passando então para a análise da presença do sexo feminino nestes sites, faz-se a comparação entre os termos utilizados para descrever os homens e as mulheres.

Aos homens, pouca importância se dá a que são ou o que representam no vídeo, muitas vezes são diferenciados apenas por partes do corpo que possui maior evidência, e até mesmo pela questão racial.

Já às mulheres, comumente se verifica a presença de adjetivos pejorativos e ofensivos e costumam reforçar o quanto tais mulheres gostam de realizar aquele ato ou até mesmo como gostam de ser violentadas.

No tocante às mulheres trans, é possível identifica-las nos conteúdos pornográficos em categorias chamadas “*shemale*”, denominação transfóbica, que não reconhece a identificação de gênero da pessoa trans:

compuesta por el juego de las palabras “she” y “male” que traducidas del inglés al español corresponden a “ella” y “masculino”, dando cuenta de una mofa o advertencia transfoba en su uso— agrupa una serie de videos en donde se presentan prácticas sexuales con cuerpos intervenidos hormonal y/o quirúrgicamente para realizar una transición de sexo de hombre a mujer, pero que conservan el pene pudiendo penetrar o no a un hombre en la escena (Phillips, 2005). Cabe destacar que la nominación de la categoría ha sido ampliamente criticada por ser peyorativa y reduccionista al marcar una centralidad en el pene para referir a una formación identitaria y corporal Yáñez-Urbina, 2021, p. 18).

Até mesmo nos conteúdos bissexuais, verifica-se a tentativa de hierarquia do sexo masculino sobre o feminino, mais especificamente nas categorias de ménage e orgias, que são reforçadas pela “necessidade” da presença masculina, pois somente ela ou então a sua representação, por meio de brinquedos e estimuladores eróticos seria capaz de proporcionar.

Como aponta Yáñez-Urbina (2021, p. 22), essas práticas necessitam de mulheres em cena para manterem “o ambiente hétero” e atrair a atenção dos “machos”, além de que representam ainda que indiretamente uma certa captura do universo lésbico, o que sempre atraiu olhares de voyeurismo do mundo heterossexual:

Esto queda reforzado en su usual hibridación com la categoría “threesome” —tríos—, en donde las lesbianas responden al imaginario de la heterosexualidad que las posiciona como “mujeres tan calientes que incluso les gustan las mujeres” (Hija de Perra, 2011, p. 145) y que un pene entre medio ayudaría a completar la situación, fantasía straight por excelencia.

Além desta questão de exibição de imagens e interpretações, verifica-se a imposição até mesmo submissão e objetificação racial, conforme explicitado por Pinto, Nogueira e Oliveira (2010 p.8), a cultura pornográfica continua naturalizando a questão da raça e da “inter-racionalidade”, mediante o uso de simbologias etnocêntricas de dominação, com a hiper sexualização dos seres, utilizando nomenclaturas como “gigantescos” e “monstruosos”, incitando o fetichismo de imagens e corpos, fomentando a naturalização da violência sexual racial.

Até mesmo nos conteúdos categorizados como gays, vemos a presença da heteronormatividade, por meio mecanismos alternativos de reconhecimento das características do homem, como se um parceiro fosse “mais hétero” ou “menos gay” que o outro, como nos exemplos trazidos por Yáñez-Urbina (2021, p. 26), ‘Isso pode ser visto mais claramente em uma série de categorias específicas de pornografia gay, como "urso" ou "cabeludo", "couro", "daddy" (papai) e "músculo"’.

Desse modo, verifica-se que, ainda que de forma impensada, a pornografia vem demonstrando padrões de que o homem, inclusive sexualmente, seria superior à mulher, de modo que esta lhe deveria obediência, além de que a heterossexualidade seria naturalmente agressiva e demarcada por padrões de violência gênero, provenientes de uma misoginia histórica.

AS CORRENTES FEMINISTAS ANTI-PORN E ANTI ANTI-PORN

Objetivando discutir a violência de gênero e o combate à misoginia, algumas correntes feministas passaram a discutir sobre necessidade, ou não, de erradicar ou ao menos regulamentar a indústria pornográfica no tocante à produção de seus conteúdos, divididas entre correntes feministas *anti-porn* e *anti anti-porn*.

A corrente feminista *anti-porn* defende que a pornografia estimula e sustenta o lado violento do desejo, impactando principalmente o público feminino, seja ou não consumidor. Para Solana (2013, p. 9) esta corrente busca uma “censura”, ainda que parcial, da produção de conteúdo pornográfico, e que “o ponto a ter em mente ao defender a censura é que a pornografia não apenas reflete a dominação sexual patriarcal, mas principalmente a reforça”.

No entanto, o feminismo *anti-porn* não busca a erradicação da pornografia, mas apenas a regulamentação de leis “antiobciedade” aplicadas à pornografia “hard core”, que seria aquela que apela a interesses lascivos, de modo patentemente ofensivo e que carece de qualquer “valor social” capaz de o redimir” (SILVA, 2013, p. 3). Outras formas de pornografia (nas quais não há violência), contudo, também poderiam ser legitimamente suprimidas, desde que restasse demonstrado que representam e causam a desumanização das mulheres e sua subordinação aos homens.

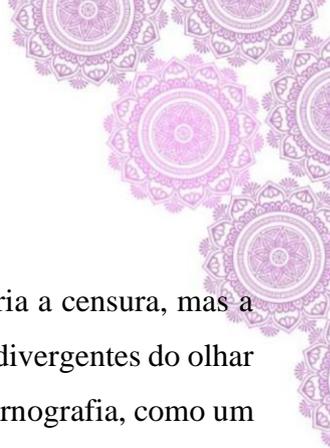
Se a sexualidade tem a primazia na configuração da identidade pessoal e social, a apropriação da sexualidade alheia, ou seja, sua instrumentalização para o prazer alheio, representa uma desumanização: “Uma vez que você é usada para o sexo, você é sexualizada. Você perde seu status humano”. Pela pornografia, as mulheres são transformadas em artefatos sexuais e se reproduz a noção segundo a qual elas existem para prover prazer sexual aos homens. (SILVA, 2013, p. 7)

Ou seja, a partir de tal corrente, entende-se que a pornografia é um importante veículo de reprodução das desigualdades de gênero, tanto sexual, quando socialmente, diminuindo-lhe oportunidades, liberdades e direitos, visto que uma grande “parcela da humanidade que encontra prazer na subordinação, na humilhação e na obediência” (SILVA, 2013, p. 15), pois o homem, constantemente vê a imagem de mulheres submissas e violentadas, em condição de inferioridade e humilhação.

Consequentemente, com a menor participação de mulheres em ambientes de representatividade, suas vozes não poderão ser ouvidas, suas dificuldades não serão avaliadas, pois até mesmo na esfera governamental a voz da mulher é silenciada e o padrão heteronormativo de nossos representantes não destina seus olhares às mulheres, em especial àquelas que contenham algum tipo de marcador social.

Em contrapartida, as correntes feministas *anti anti-porn*, não objetivam a erradicação da pornografia como um todo, mas preveem a possibilidade destas se tornarem um instrumento de ensino de novas realidades, a de igualdade de gêneros, modificando a perspectiva de hierarquia de gênero.

“Se a misoginia está em todo lugar, por que alvejar [apenas] sua manifestação sexual?”. R. Dworkin argumenta que mesmo se se provasse um vínculo direto entre pornografia misógina e o afastamento das mulheres dos empregos no topo de hierarquias profissionais, ou entre pornografia misógina e desigualdade salarial para cargos iguais, ainda assim não poderíamos aceitar a censura, porque teríamos aí um conflito entre liberdade e igualdade substantivamente compreendida, e nesse caso poderíamos encontrar outras formas de combater a desigualdade de gênero sem abrir mão de princípios fundamentais. (SILVA, 2013, p. 18)



Nesse sentido, o melhor antídoto contra a pornografia dominante não seria a censura, mas a produção de representações alternativas da sexualidade, feitas a partir de olhares divergentes do olhar (hetero)normativo, até mesmo porque, para esta corrente feminista, censurar a pornografia, como um todo, significa retirar às mulheres uma eventual fonte de prazer, reduzindo também suas liberdades fundamentais, e impedindo a possibilidade de modificar perspectivas multitemáticas, em especial do ativismo feminista, demonstrando que é possível proporcionar prazer sem demonstrar violência ou degradar a imagem da mulher.

A corrente pró-pornografia, conforme delineado por Pinto, Nogueira e Oliveira (2010, p. 6) “sublinha a possibilidade de criação de novas pornografias feitas por mulheres para mulheres, postulando assim a existência de um espaço alternativo dentro daquela indústria, capaz de fazer surgir discursos que fraturem o saturado mundo pornográfico masculino”.

Se a pornografia se trata de uma representação artística explícita de homens e mulheres enquanto seres sexuais, seria perfeitamente possível alterar tais valores artísticos, trazendo maior igualdade aos gêneros, pois artístico, no mundo pornográfico, comumente se confunde com degradante, obsceno e humilhante.

Importante salientar que a pornografia, não apenas incita a submissão da mulher, como também “promove a aventura sexual, o sexo fora do casamento, o sexo motivado unicamente por prazer, o sexo casual, o sexo anônimo, o sexo grupal, o sexo voyeurístico, o sexo ilegal, o sexo público” (DUGGAN, 1992, p. 82) que igualmente poderia ter sua perspectiva modificada a partir da produção de pornografia.

Desse modo, o que se sugere, como alternativa, dada a impossível missão de regulamentar e fiscalizar toda produção pornográfica existente, é o uso de pornografia alternativa, pensada como um ambiente de desconstrução e questionamento das normas opressoras, criada ou não por mulheres, para demonstrar que é possível alcançar satisfação sem violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em que pese a imensurável variedade de produtos e tendências do mercado pornográfico, acompanhadas das mais novas tecnologias, vê-se que a fórmula tradicional da produção de conteúdos



heterossexuais mantém-se praticamente imutável, homens em condição de poder e mulheres submissas às suas vontades, reforçando-se a ideia de desigualdade de gêneros.

A liberdade, o anonimato e a facilidade de contato com conteúdos pornográficos ofensivos, garantidos pelo acesso à internet em aparelhos em qualquer lugar do globo, reforçam, ainda que inconscientemente, a ideia de que mulheres devem servir aos homens e podem ser humilhadas.

Entretanto, as discussões acerca desta temática e a preocupação, em especial do próprio público feminino, consumidor ou não deste mercado, deu espaço à possibilidade/necessidade de criação de nichos alternativos de mercado e de público.

Isso porque, é necessário relembrar que, em muitas realidades, a educação sexual básica é, ainda, um grande tabu familiar e institucional, de modo que, não raramente é a pornografia quem faz o papel de educador, de modo que os jovens não devem ser expostos à conteúdos que incitem pedofilia, estupro, zoofilia ou qualquer outra forma de prazer que se consiga a partir da violência para com o outro.

Em que pese o Estado não tenha condições de suportar regulamentar e fiscalizar a produção e compartilhamento de conteúdos pornográficos, faz-se necessária a sua participação como ente conscientizador, desenvolvendo políticas públicas de igualdade de gênero e combatendo mais firmemente as situações de inferiorização de um gênero sobre o outro, bem como de uma normatividade sobre algum marcador social.

É evidente que a maneira como cada ser vivencia e experimenta a sua sexualidade é personalíssima, vez que sofre a influência de inúmeros fatos que o cercam e assim determinam as suas vontades, desejos e fetiches. No entanto, é evidente que pressões externas, como a constante exposição à imagens de violência de gênero certamente contribuem para formação do psicológico e da normalização da conduta opressora.

Se por um lado a pornografia traz benefícios aos relacionamentos, pois incentivam algo diferente, promovem a desinibição, o autoconhecimento e a diversão, o alívio de tensão, deve-se fazê-la de forma que não viole os direitos do outro, que não se perpetre na vida real, as ações e pensamentos de violência, submissão e degradação de um gênero em proveito satisfatório do outro.

Aqui, cumpre esclarecer que o objetivo deste artigo não é de encerrar a discussão, muito pelo contrário, busca-se fomentá-la, em especial trazendo-a para a realidade brasileira, para que possa debater sobre a exposição da sexualidade humana e a sua representação na vida real, em busca da diminuição e erradicação da violência de gênero e do falocentrismo como justificativa para a perpetuação do comportamento e pensamento misógino.



CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

ALPIZAR LOBO, Natasha. **Comprender la pornografía como proceso relacional a través de la transformación de quien investiga.** Rev. urug. Antropología y Etnografía, Montevideo, v. 6, n. 1, p. 99-113, jun. 2021. Disponível em:

<http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2393-68862021000100099&lng=es&nrm=iso>. Epub 01-Jun-2021.
<http://dx.doi.org/10.29112/ruae.v6.n1.6>. Acessado em 03 julho 2021.

BAUMEL, Cynthia Perovano Camargo et al. **Atitudes de Jovens frente à Pornografia e suas Consequências.** Psico-USF [online]. 2019, v. 24, n. 1, pp. 131-144. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/1413-82712019240111>>. Epub Jan-Mar 2019. ISSN 2175-3563.
<https://doi.org/10.1590/1413-82712019240111>. Acessado 03 julho 2021

DIAZ-BENITEZ, María Elvira. **El quehacer porno en la construcción de imágenes de espectacularidad.** Mem. Soc., Bogotá, v. 17, n. 34, p. 92-109, June 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0122-51972013000100007&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 16 agosto 2021.

DUARTE, Larissa Costa e ROHDEN, Fabiola. **Entre o obsceno e o científico: pornografia, sexologia e a materialidade do sexo.** Revista Estudos Feministas [online]. 2016, v. 24, n. 3, pp. 715-737. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p715>>. ISSN 1806-9584.

<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p715>. Acessado em 27 junho 2021.

DUGGAN, Lisa, HUNTER, Nan, and VANCE, Carole. **“False Promises: Feminist Antipornography Legislation”.** In: JAKER, Beth, TALLMER, Abby, HUNTER, Nan, Barbara O’DAIR, and ELLIS, Kate. Caught Looking: Feminism, Pornography & Censorship. 3rd ed. East Heaven: Longriver Books, 1992. p. 72-85. Disponível em:

<https://www.academia.edu/24083573/False_Promises_Anti_Pornography_Feminism> Acessado em 06 julho 2021.

DWORKIN, Andrea. **Pornography. Men possessing women.** Estados Unidos: Penguin Group. 1981. Disponível em: < <https://www.feministes-radicales.org/wp-content/uploads/2010/11/Andrea-DWORKIN-Pornography-Men-Possessing-Women-1981.pdf>> Acessado em 08 julho 2021.

LOPES, Marco Antônio. **A (indiscreta) história da pornografia.** Super Interessante, 2016.

Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/a-indiscreta-historia-da-pornografia/>> Acessado em 03 julho 2021.

PINTO, Pedro, NOGUEIRA, Maria da Conceição e OLIVEIRA, João Manuel de. **Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização.**

Psicologia: Reflexão e Crítica [online]. 2010, v. 23, n. 2, pp. 374-383. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000200020>>. Epub 15 Set 2010. ISSN 1678-7153.
<https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000200020>. Acessado em 03 julho 2021.

SILVA, Júlio César Casarin Barroso. **Liberdade de expressão, pornografia e igualdade de gênero.** Revista Estudos Feministas [online]. 2013, v. 21, n. 1. pp. 143-165. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100008>>. Epub 09 Maio 2013. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100008>. Acessado em 07 julho 2021.

SEGARRA, Marta. **Cuerpos y deseo en el cine de mujeres.** Estud. - Cent. Estud. Av., Univ. Nac. Córdoba, Córdoba, n. 27, p. 133-142, jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1852-15682012000100011&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 03 julho 2021.

SOLANA, Mariela. **Pornografía y subversión: una aproximación desde la teoría de género de Judith Butler.** Convergencia, Toluca, v. 20, n. 62, p. 159-179, agosto 2013. Disponível em <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-14352013000200006&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 11 julho 2021.

YANEZ-URBINA, Christopher. **Ficciones somatopolíticas: la invención de la heterosexualidad en la pornografía de distribución gratuita.** La ventana, Guadalajara, v. 6, n. 53, p. 74-110, jun. 2021. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-94362021000100074&lng=es&nrm=iso>. Epub 23-Feb-2021. Acessado em 06 julho 2021